

Título: _____



Capa.jpg

Janos Biro

Esta obra é livre e deve permanecer livre. Pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição.

Este livreto foi escrito, impresso e montado de modo independente em Goiânia-GO com os recursos coletivos da Impressora Anarquista (@impanark) e está disponível em PDF gratuitamente.

O mercado editorial é injusto, apoie produções independentes.

Como citar este livro:

LEITE, Janos B. M. Já que tem que ter um nome. Contrafactual, 2021.

Contrafactual, 2021
contrafactual.com

Já que tem que ter um nome

Esta é uma coleção de pequenas ofensas que eu rabisquei no meu caderno quando eu tinha entre 16 e 18 anos (no fim dos anos 90), selecionadas por exclusão.

Capa: Image not found icon by oldskull
(<https://www.deviantart.com/oldskull/art/Image-not-found-icon-338612297>)

Recorte de criança

A morte
é minha única defesa
contra
a incerteza
Eu
quero recortar
os dedos e as orelhas
E mesmo
sofrendo tão pouco
eu ousou
gritar por socorro
Dá um tempo agora
olha a hora
não demora
Me dê seu tempo pra mim
(...)
Quando
é um lugar tão distante
e vai ficando difícil
ultrapassar sua verdade
É tarde
É TOLO
É vício
discreto
Discrepância
que não cabe
no menor ouvido...

Estamos redundantemente enganados
E zunimos em torno de um brilho
E falamos na primeira pessoa do plural
Quando não deveríamos generalizar
E escondemos nossas faces atrás de maquiagens
E escondemos nossos corpos atrás de academias
E não nos vemos no espelho quebrado
Que nos corta e não sentimos
Usamos uma linguagem que significa dinheiro
Música, cinema, tudo repetido
E gostamos de nos criticar
Sem nem tentar fazer algo para mudar
Dizemos que a sociedade é culpada
E não nos incluímos nela
Perdemos nosso tempo com dores insípidas
Matamos e morremos esperando perdão
Escrevemos críticas a nós
Para esconder nossos próprios erros
Achamos que não há mais nada novo
Enquanto destruimos o que ainda resta
Achamos que palavras bonitas
Podem confortar e explicar tudo
Que bons argumentos nos farão vitoriosos
Somos hipócritas porque inventamos essa palavra

Lugar
Um romance hematófago

Capítulo I

- O mundo não é uma maçã.

FIM

Nota do autor:

O leitor entende como é engraçada essa falta de graça das minhas piadas. Eu as transcrevi aqui resumidas num fruto, uma negação e um mundo. Tudo está aqui e é impossível dizer algo a mais.

Como pude ser tão completamente completo? Como pude deixar queimar minha casa nas cinzas das minhas lágrimas? Como pude rasgar meus lábios e quebrar meus dentes quando te beijei?

Como? Quando? São todos lugares, te ensino como viajar pra lá. Meus pais não gostam de ter um filho surreal. Acho que ninguém gosta. Desculpem. O último lugar que quero estar é no seu coração, esse músculo sangrento que acha que pode pensar por si só.

A felicidade e a verdade

Pertencem a mim

Eu sou cristão

Eu amo todo mundo

Pobres bastardos

Que vão arder no inferno

Eu acredito em Deus

E no Senhor Jesus

Que se fodam os judeus

Não sou o dono da verdade

Mas achado não é roubado

Achei a verdade e por isso mereço ser rico

Então me siga ou morra

Você tem o livre arbítrio

Então escolha

Eu amo a Deus acima de todas as coisas

Não sou egoísta

Mas alguém tem que ir pro céu

Não tenho culpa

Se você preferiu ser mau

Perdoe sua existência, irmão

E tenho pena da mediocridade da sua alma

O vigia morreu

Está caindo
Da torre
Não deixe seu sangue
Espirrar nas minhas roupas
Não deixe seu corpo
Assustar meus filhos
Não deixe sua morte
Atrapalhar-me

O velho vigia morreu
Mas vamos pôr prioridades aqui
Não há nada que eu possa fazer
Então não deixe que isso
Atrapalhe-me a vencer

Esses velhos que não tem o que fazer
Vão à igreja passar o tempo
E nem fazem o favor de morrer num domingo

Então o velho era sozinho
E ninguém pagará por seu enterro?
Tudo isso é muito comovente
Mas eu tenho que correr agora
Eu preciso mudar meu destino
Enquanto ainda estou vivo
Será que você me entende?

Anônimo

Pobre jovem poeta
Tão convencido
Que se chama de poeta
Tão hipócrita
E tão autocrítico
Não há perspectiva
Só há plágio
Inocente ou precognitivo
O egocentrismo
Tornou-se divino
Perfeitamente imperfeito
Adorável e nojento
Escrevendo sobre nada
Ignorando a gramática
Acentuando minha lábia
E usando uma rima fraca

Odeio o que sou
E muito mais o que não sou
Não queria ser ninguém
Nem todo mundo
Não sei meu próprio nome
Mas meu nome não é cultura
Então leia livros caros de autores mortos
E não dos que não vivem

Violenta ternura

Esmague-me sem motivo
Acabe comigo
Porque não consigo te entender
Gostaria de não mentir
E dizer que tudo é mentira
Mas não sei mais se estou mentindo
Ou fingindo que estou
Joguei meu cérebro no liquidificador
Só por brincadeira, mas liguei sem querer
Aproveitei pra fazer uma vitamina
E pensar sobre como é não ter que pensar
Eu não o usava mesmo
Talvez tenha evitado o câncer
Mas e daí?
Existem mais onze signos
Reclamar é a primeira coisa que aprendemos
Aceitar é quase sempre a última
Mas pensamento é só um passatempo
Somos copos transbordando secos

Ouçá os sinos do esquecimento

O hino da desumanização

O canto da programação

Vão te ninar agora

Ouçá a canção

Preste atenção

No que importa

O que importa

Não são minhas palavras sem nada

Ouçá a música da renovação

Pois tudo estará sempre novo

Emperrado na revolução

Ouçá a voz do progresso

Busque o novo sempre

Jogue fora o velho

Evolua

Dance a sinfonia

Depois cuspa palavras de arrependimento

Deixe para entender quando morrer

Deixe para sofrer quando vier a dor

Inflija-a lentamente

Esqueça

Escute a melodia da vida

Que é fazer algo com ela

É o que há pra se fazer com ela

Quando se ouve apenas o que se deve ouvir

Há pouca vida no meu tédio

Pouco dia no meu desperdício

Pouca proteína no meu lixo

Pouca realidade na minha frente

E tempo demais

Gente demais

Há pouca arte no meu plástico

Pouco sorriso no meu fingimento

Pouco descanso no meu sono

E cores demais

Brilho demais

Há pouca memória no meu vazio

Pouca velocidade na minha asfixia

Pouco metal nos meus escombros

Pouco mais do que devia

E tanta compaixão

E tantos esconderijos

E tantos espelhos

Corrupção, violência e ignorância

Sabe do que você precisa?

Precisa de algo para se sentir bem

Precisa de algo para sentir que ainda está tudo bem

Precisa de algo para sentir que faz o bem

Corrupção, violência e ignorância

Vamos repetir até morrer

Vamos repetir enquanto morremos

Vamos repetir para morrermos

Corrupção, violência e ignorância

São tão bobas quanto cores

Quadrados e algodões

Nós exigimos autoconhecimento

Imediato, verdadeiro e perfeito

Você precisa de algo para negar o mal

Precisa de algo para sentir que não é mau

Precisa de algo para sentir que não há mal algum

Na corrupção, violência e ignorância

Teofilia
Teofagia

Controlado por um fundo monetário
Controlado por uma rede de tevê
Ganhando dinheiro
Com a falta de saúde e educação
Sorrindo para o deus morto
Assistindo o mundo
Do espelho quebrado
Mas a maquiagem borrou seus olhos

Teonecromancia
Teonecrofilia
Teonecrofagia
Tecnoteonecropsia

Comem seu deus
E se perdem na contradição
Dos ensinamentos mortos
Sendo digeridos hoje

Pirofiloteofobia
Duoteoantilogia
Pseudoteoprotocracia

Arrependa-se de sua tolerância

Pois só nossa religião salva

Agradeça ao casamento

Pois sem ele não haveria igreja

Arrependa-se da razão

E prefira acreditar na utopia

Agradeça à corrupção

Pois sem ela não venderíamos salvação

Arrependa-se da inteligência

Pois já temos todas as respostas

Agradeça ao medo

Pois devemos você a ele

Arrependa-se dos instintos

Não devemos ser naturais

Agradeça a dor

Pois daremos o alívio viciante

Arrependa-se da liberdade

Precisamos de submissão

Agradeça ao mal

Por nós termos a sua alma

É uma pena jogar esta folha em branco fora, por isso resolvi enchê-la com o que me vier na cabeça, então sei que será apenas besteira e eu poderei jogar esta folha cheia de besteiras fora e manter minha consciência limpa.

Mas por que escrever tanto assim pro lixo? Tudo que se escreve é pro lixo. Parafraseando Machado de Assis em Memórias póstumas de Braz Cubas: não, espere aí, cancela. Não vou parafrasear ninguém. Nem sei direito o que é parafrasear. Vou frasear mesmo: O que se produz artisticamente tem vida, portanto passa um tempo e morre. Toda obra é póstuma sim, mas também toda obra é morta porque morreu assim que foi feita.

Sobram apenas as suposições do que um dia ela foi. Os leitores são como arqueólogos examinando um fóssil, interpretando de maneiras diferentes como cada obra deveria se comportar quando estava viva, dentro da mente do autor.

A obra é um embrião frio que nasce no fogo, morrendo sem se perceber. Às vezes morre enforcado no cordão umbilical das ideias, às vezes morre de tédio à espera da morte. Já vi obras que morreram de medo de saber que nasceriam mortas. E uma vez apenas, houve uma obra sobrevivente, para a alegria dos otimistas de plantão. Não se sabe por onde vai, não se sabe o que é nem o que faz. Não se pode saber nada sobre ela, pois o que se sabia dela é que ela não existia. E assim são as obras.

Toda essa loucura de escrever pra ninguém é mentira. Satisfaço todos os eus dentro de mim quando faço um labirinto sem saída, uma carta escondida para mim mesmo ou toda coisa inútil que é tão útil quanto qualquer outra coisa. E estou, novamente, depressivamente feliz e talvez acabe sendo egoísta o suficiente para não jogar esta folha fora afinal de contas. Como o suicida que nunca quis morrer, só queria que alguém se preocupasse com ele.

Paratexto

Debaixo das camas dos homofóbicos
Existem três medos antropomórficos

O primeiro é disruptivo
E morre sempre
Nos trilhos da praça do menor deslize

A segunda se reveza
Na tarde vermelha da solidão
Tentando vencer
Pobres sistemas de decepção coligativa

O terceiro
É o quarto poder
E a sétima arte
É um invejoso inflável
Que não se contenta em saber
Que está errado
E tenta tapar o sol
Com telepatia

Olá, você não me conhece

E nem vai

Mas eu estou aqui sentado na mesa
escrevendo

E você, eu não te conheço

E nem quero

Estou escrevendo pra você

Não ler

E estou aqui nessa mesa

rindo

Das impossibilidades

Olá, eu te vi aí

E pensei como seria escrever pra você

Não quero dizer nada

E nem vou

Mas eu estou aqui olhando praí

E imaginando você lendo isso

Que não é nada

Não é nada mesmo

Não me entenda

Estou cansado de escrever por motivos

Pretendo ser mais nada

Eu queria não dizer isto a você

E depois iria embora

Para nunca mais te ver

- a -**Quem disse isso?**
B -Quem disse isso?
A -Fale!
B -Fale!
A -Pare de dizer o que eu vou dizer.
B -Pare de... Mas é você que está dizendo o que eu vou dizer.
Ab -Quem é você?
Ab -Onde você está?
Ab -Pare de falar ao mesmo tempo em que eu!
A -Você é louco? Pare!
B -Mas foi você que começou e não quer aparecer.
A -Este é o seu monólogo?
B -Eu deveria estar sozinho aqui.
A -Deveria? Que maneira egoísta de tratar sua esquizofrenia. Por que não admite que fala sozinho?

E a voz nunca mais o ouviu.

A balança pendia para a esquerda, onde havia uma taça de sangue e sêmen. Então caiu uma lágrima e a saliva de um beijo no outro lado. Pesavam tanto mais que o conteúdo da taça foi arremessado, mas voltou todo para ela. A balança agora pendia para a direita:

Um homem e uma mulher cavalgavam por um pasto vermelho. A mulher se aproxima do homem.

- Às vezes não parece que estamos num mar de sangue e sêmen?

Ele a olha por um segundo, voltando a olhar pra frente.

- Não.

Ela fica calada por um tempo, então volta a se aproximar.

- Parece sim.

Ela fixa seu olhar no horizonte, pensativa.

-Não tem algo faltando?

E ouve-se o eco por todo pasto: “faltando, faltando, faltando...”

O homem pensa um pouco e depois se vira para ela, preocupado.

-Você disse...?

E eles se afogam num mar de sangue e sêmen.

Algumas vezes

Algumas vezes quem você culpa
É realmente o culpado

Algumas vezes até os ladrões
Se esquecem de pagar a conta

Algumas vezes o que você acredita
Poderia até mesmo ser verdade

Algumas vezes seus desejos mais profundos
Se realizam sem ter que prejudicar ninguém

Algumas vezes você passa o dia inteiro
Sem matar nenhuma criança miserável

Algumas vezes seus pais
Sabem tudo que você precisa para ser feliz

Algumas vezes você ouve quem tem razão
E tudo dá certo

Algumas vezes só há frases originais e corretas
Algumas vezes até você consegue entender
Algumas vezes

Elogio

Pra fingir que está tudo bem
Elogio
Masturbo seu egoísmo
E você me elogia também
Não faço caso disso
Um elogio

Pra esquecer que está tudo mal
Elogio
Não sou tão ruim assim
Eu não existo
Não estou morto, mas eu insisto
Eu não existo
Eu não reconheço meus erros
Eu os abandonei
Eu não reconheço meu rosto
Eu o elogiei
Não sou pirado, mas não resisto
Eu não existo

Não sei o que vim procurar
Um falso sorriso
Tudo está bem quando acaba bem
E bonito, e rico
Não sou sincero por isso entendo
Um elogio

Será que foi alguma coisa que eu não disse, desculpa. Eu esqueci e a culpa não é minha. Eu só me esqueci de você e você ainda estava na minha frente e eu estava na sua e não te vi. Eu estava na frente e comecei a pensar em mim e eu sou cheio de detalhes e me perdi

E eu fiquei tão contente de te enrolar assim e você começou a girar em torno de mim e eu não posso mais insistir desistir inspirar respirar

Ar Ar Ar

Eu me afoguei nas suas mágoas e você não entendeu nada.

Ar Ar Ar

Eu respirei da sua fumaça e era você que queimava

Ar Ar

Faço manobras para chegar no jeito mais fácil de te provocar
uma queda

Eu mergulhei na tua piscina, valorize meu suspiro pra você é tudo que eu posso fazer

Ruminantes

Sáimos loucos todas as filoesias-desculpas-perdas de tempo para a finalidade da vida, que é viver até morrer. Mas sempre se quer viver de novo, só para morrer mais, e saímos não mais loucos todos os ruminantes cheirando filopedias asmáticas deixadas pra trás e de verdade, na verdade, a verdade. Que é a finalidade da morte, alcançada pela loucura ruminada diária.

Mas falamos o que falamos para continuar vivendo e não morrendo, e nos assustamos tanto com a morte. Ela é ignorada, enterrada e pisada. Quando ela grita e aparece todo mundo se assusta, como se não soubessem que ela existia. Ignoram e continuam vivendo sem a ver.

Assim é como ignoram tudo que é mal e outros aceitam dizendo que é bom. E outros aceitam dizendo que é mal e é bom assim. O resto ruma que é assim mesmo. Assim como deveria ser. Utópico.

Tudo fica em seu lugar enquanto passam. Morte, não me ruminize.

Hoje foi uns dias bons

Hoje foram bons anos da minha vida
Fiquei vendo o vento passar
Hoje eu morri de novo
E tive certeza de que nunca vou viver
Sofri as causas inconsequentemente

Achei Deus

E ele estava embaixo do meu sapato

Achei Satã

E ele era Deus

E eles eram você

E eles eram eu

E eles têm várias formas, todas falsas

E tive pena de mim mesmo

Por me culpar tanto

E procurei aliviar a dor

Do meu auto-flagelamento

Matei a dúvida e inventei tudo isso

Comi a dúvida e fiquei doente

Vomitei contradições por dias, hoje

E me esqueci. E me lembrei. E me decidi

Por não saber o que não fazer

Olhei, gostei e desisti

Não entendi. Hoje eu vantei

Me dói aqui

Não saber onde aqui me dói

Sinto-me em versinhos
bolsinhos

Colocando-me corações
Como se fossem
coraçõezinhos

Ou eu ou rimar
Mar, lar, bar, par
Já é suficiente?

Minha biografia, além de ter apenas uma página, fará questão de deixar bem claro que eu nunca quis que fosse feita uma biografia minha e automaticamente descartará todas as outras. Mas não será minha autobiografia. Minha autobiografia será assim:

Nasceu aqui, há dois segundos atrás, e teve uma infância pobre, bruscamente interrompida pela exigência de ocupar seu espaço. Cresceu rápido e se afastou do local de nascimento, sempre descendo da esquerda pra direita, mas nunca deixou a página natal. Poucos segundos depois já se encontrava sem rumo e precisou enrolar. Tendo uma educação ausente e uma família no mínimo inexistente, lutou para alcançar as últimas linhas da página, mas morreu tragicamente de insuficiência inspiratória. Foi uma das autobiografias mais importantes do instante e dedica-se a ela um lugar de honra num documento manuscrito, sem título e sem autor, guardado em algum lugar.

Em memória de Autobiografia anônima

*11:19 †11:22 (da noite)

É preciso se sentir querido
Para ser querido
Se fingir querido
Se fingir amado
É preciso se fingir verdadeiro
Se esconder os erros
Concordar com os errados
É preciso se amar os queridos
Se matar os coitados
Se fingir amigo
Se emprestar um trocado
Quando se é amado
Quando se é fingido
Se alcança a felicidade
Plenitude e bondade
Ou só se sofre e se morre
É preciso viver
Não se sabe porquê
Só é preciso viver
Não importa como
Só para ver
Não importa o quê
Fingir mais um dia
Se apaixonar
Fingir mais uma vida
Mais cem bilhões de vidas
É preciso continuar
Com não se sabe o quê
É pagar pra morrer

Vidamatic

Facilitando sua vida
Vidamatic
Tão fácil que até você
E qualquer outro idiota pode usar

Sem preocupações
Sem problemas
Sem detalhes
Sem complicações
Sem momentos
Sem dúvidas
Sem demora
Sem aprendizado
Sem erro
Sem caos
Só programação

Vidamatic
Não é uma escolha
Viva assim ou morra
Compre de nós ou vá embora
Desapareça da face da Terra
Pois está invadindo meu território
Nós compramos esse planeta para vender
Vidas fáceis de usar

**Tudo que eu quero de você
É tudo que você tem**

Seria ainda melhor
Se eu não tivesse que ouvir sua voz

Eu só quero seu dinheiro
Seu sexo
Seu amor
Seu trabalho
Seus filhos
Seu dia

E pego aos poucos
Sem você notar

Eu só quero sua atenção
Suas respostas
Suas amigas
Suas fotos
Sua alegria

Sinto-me vivo
Com você sob controle

Eu só quero sua opinião
Sua servidão
Sua casa
Seu cachorro
Sua alma

Minha escola me ensinou bem

Que o que importa não é ter dinheiro
Mas como consegui-lo facilmente
Que o que importa não é fama
Mas o quão bem você finge ter
Que o que importa não é poder
Mas quantos poderosos você controla

Minha escola me ensinou a
Respeitar os defeitos alheios
E usá-los em meu proveito
Sempre ajudar quem precisa
Para cobrar favores em troca
Ganhar a confiança dizendo a verdade
E então jogar uns contra os outros

Minha escola ensina muito bem
A não julgar as pessoas
Pois são todas imprestáveis
A não ser um mau perdedor
Quando se pode sempre ganhar
A ser humilde e gentil
Para que ninguém desconfie
A não ter vícios
Mas a viciar para controlar

Minha escola forma os líderes mundiais
É a que mais aprova no vestibular
É a escola da vida, está dentro da minha cabeça
Dizendo que a vida não é justa

Autoanálise de texto

O texto não pode ser analisado por não ter conteúdo algum. Agora o texto se contradiz, criando um conteúdo para explicar sua anterior falta de conteúdo. O texto então parece girar em torno de explicar-se enquanto vai sendo escrito, o que sugere uma metalinguística, mas considerando-se o autor, podemos dizer que metalinguística é um dos seus temas favoritos.

O autor também parece ser muito breve em seu assunto, pois o texto tem apenas um parágrafo. E no segundo parágrafo encontramos outra contradição, uma vez que este existe para explicar que o texto é curto demais, fazendo com que este se estenda. Podemos perceber que é impossível que um texto analise a si mesmo, e qualquer aparência de uma "autoanálise textual", termo que por si só é uma liberdade poética, não passa de um recurso poético. O texto agora tenta fazer uma finalização breve para caber na construção de dois parágrafos.

Porém o texto falha nessa tarefa e prossegue por mais um parágrafo, aparentemente inesperado. Há ainda muito que o texto poderia dizer sobre si mesmo e sobre a validade de sua própria análise, mas ele prefere não fazê-lo, pois poderia não ter fim. O texto então encerra sem con... (FIM)

Nunca confie nos bons

Não se sabe quando eles vão te trair

Sempre confie na traição

Não se deixe levar pelos bons

Os maus são os patrocinadores

Os patrocinadores decidem quem vive e quem morre

Não existe liberdade de escolha

Os bons estão sob controle

Os bons não saberiam lidar com mundo

Os bons têm piedade

Por isso os maus sempre vencem

Não tenha piedade de si

Diga que você vai
Morrer por mim
Eu te amo
Você deve isso pra mim

Diga que você vai
Viver pra mim
Assim como o seu pai
Você agora deve ir

Diga que você vai
Eu sei que você vai
Eu não preciso de merda nenhuma
Eu te ensinei a não lutar

Diga que você vai
Morrer por mim
Assim como todo mundo
Sua mãe e seus irmãos

Diga que você vai
Repita pra mim
Eu sei que você vai
Eu te ensinei a não discutir
Eu não preciso de merda nenhuma
De almas elevadas
Eu tenho você aqui
Trabalhando pra mim

Eu e as pessoas

Nós nos respeitamos
Quando nos cruzamos
Não nos transpassamos
Pois concordamos que duas coisas
Não ocupam o mesmo lugar no espaço
Para todos os outros casos
Não nos consideramos

Eu e as pessoas
Nós nos respeitamos
Quando a luz reflete em nós
E bate em nossas retinas
Nós nos enxergamos
Para todas as outras vezes
Nós não existimos

Eu e as pessoas
Nós temos respeito mútuo
Não nos ignoramos
Temos noção dos milhões de números
Que existem, trabalham, morrem
Nascem, matam, sofrem
Para todas as outras contas
Nós nem sequer pensamos

Pois estamos tão longe
Nem fazemos parte do mesmo mundo
Não vale a pena perder tempo com isso
Não nos importa um ao outro
Eu e as pessoas

Ouçame

Sou aquele que nunca ouviu ninguém
E no fim
Você vai ser exatamente igual a mim

As paredes desabam
E você sabe que não há saída
Os remédios acabam
E você sabe que não há cura
As crianças se perdem
E você sabe que não há mais amor
As luzes se apagam
E você sabe que nunca enxergou tão bem

As palavras afiadas desceram por sua garganta
Estraçalhando seu orgulho
Você viu o poço em que seus sonhos foram jogados
E aceitou os sonhos que te permitiram ter
Pois, afinal
É preciso sonhar

Você sabe o quão cegas são as vozes na sua cabeça

Ouçame

Sou aquele que nunca ouviu
E no fim
Você vai ser exatamente igual a mim

Espero-te

Ainda como ontem
Hoje e amanhã
Ainda que eu saiba
Que nunca encontrarei
Espero-te
Porque te amo
Mesmo que jaza
Fundo em algum lugar
Inexistente em mim
E ainda que eu te esqueça
Em tantos lábios
Onde derramas teu sorriso
Espero-te
Como se sempre a tivesse
Em cada pensamento
Mesmo sendo inútil
Amo-te
Como fazem os tolos
A quem Deus avisa já bem cedo:
Tu és semente sem terra
Trata de germinar a queda
E por isso me alegro
E me enlouqueço
Por ver minha nuvem negra
Fazer crescer perdões
Para unir belos casais
Assim espero-te
E amo-te
Minha quase vida
Não mais

Pristério

Desastre sempre vem acompanhado
De desmínios
Desastres alados
Morosos
Caibam na estrena
Não me julgularizem
Que não sou petzcarpo
Só não dízimo nada

Prantha-me esta discórvia
De aljugávias metosílvias
Cariontes na ilha
De divagos decalíbrios
Ménster das novas vocáfilas

Não estou redismando nada
Baatezar é desfectariarizar
Nas suas próprias baltrelas
Corriam em cindacárpete

Não seriam warheipzadas
As tolhidas querembís
E que pristério!
Libidinosas minhas prosas
Alsaráfeis em lábios e línguas
E dentes que se batem demais

Descrição

Primeiro uma linha curva qual horizonte invertido cujo solo cospe uma fila de agulhas negras como sombras de grama, projetando-se para fora sob um Sol enorme, que ainda não nasceu completamente e nem possui luz própria, rajado para dentro com alguma cor, furado por um buraco negro, com um vazio reflexivo por trás dele. Então, mais acima nesse céu branco reluzente trovejado de pequenos raios vermelhos, estende-se um outro horizonte re-invertido, com novas e maiores sombras, onde o Sol não se pôs ainda. Os dois horizontes se encontram numa elipse, e a todo esse mundo chamamos simplesmente de “olho”.

Um amigo

24, 23, 22...

Eu conto o tempo para meu amigo
Eu carreguei sua morte comigo
Até ele acordar, no nada
Eu o abasteci e acendi o pavio
Meu amigo não sabe que horas são
Um dia a menos, quem se importa
Eu devolvi a ele meu presente
E ele se completou, meu amigo
Era um suicídio num copo cheio
De pigarro

Mas eu escorreguei
Não existe amizade deste lado da
Cidade sem deus, só religião
Religião política, religião esportiva
Religião acadêmica, religião artística
Religião de comer, beber e fumar
Eu não tenho amigo, mas lágrimas
Por derramar

Por minha conta, amigo
Por minha conta

Salmo 23 (da edição revisada e atualizada)

O consumismo é meu pastor, nada me faltará; ele me faz descansar no meu apartamento redecorado, e me leva canais tranquilizantes pelo cabo. O governo me dá taxas e me guia no (único) caminho certo, como a própria TV anunciou. Ainda que eu caminhe por um vale revelador como a própria verdade, nada verei.

Pois tu, o Dinheiro, estás comigo. Tu me engordas e me digeres. Preparas um banquete pra mim onde meus inimigos me possam comer. Sou teu convidado de honra e enches meu corpo (de coca-cola) até a borda.

Sei que tua produção e teu mercado ficarão comigo enquanto eu viver. E todos os dias de minha vida, irei ao shopping.

Amém.

“Pra quem não sabe escrever, você até que escreve bem.”
- O melhor elogio que eu já recebi

Contrafactual, 2021
contrafactual.com